

## O futuro do mercado de energia – uma visão de dez anos

ZELAZO, Alan. “O futuro do mercado de energia – uma visão de dez anos”. Agência CanalEnergia. Rio de Janeiro, 06 de agosto de 2020.

Fontes eólicas e fotovoltaicas vêm apresentando um incrível aumento de produtividade nos últimos dez anos. Tecnologias implementadas nos painéis fotovoltaicos ampliaram a produtividade de 20% para 30% entre 2010 e 2020, enquanto os custos caíram vertiginosamente.

Com esta redução do custo, temos agora o desafio da contratação da energia, cada vez mais dependente do ambiente livre. Os empreendedores garantem o acesso à transmissão, vendendo 30% da energia nos leilões, e os demais 70% são comercializados a preços maiores no mercado livre.

Cada vez mais, fica evidente a necessidade de viabilizarmos a expansão do mercado de energia via ambiente livre de contratação – que traz o desafio de financiamento, uma vez que grande parte dos riscos fica com o empreendedor. Já no ambiente regulado, alguns riscos ficam com o sistema. A mudança nesta relação vem ficando clara nos últimos leilões.

Com essa queda de preços, vemos a cada semana novos contratos de longo prazo sendo assinados com empreendedores como Vale, Dow Química, Vulcabras e Anglo American. Diversos outros acordos estão sendo negociados e demonstram clara tendência para a contratação de longo prazo ou autoprodução. Para estes consumidores, ter uma energia competitiva é fundamental na disputa do mercado internacional.

Mas, como ficará o mercado livre com a contratação longa dos grandes consumidores em novos empreendimentos? Estamos indo no caminho do varejo, com consumidores menores de 0,5 MW. Isso será suficiente para cobrir a contratação de toda a energia velha descontratada? O mercado livre está indo para um caminho de contratação de longo prazo para grandes consumidores, viabilizando a expansão do sistema no ambiente livre e a “varejização” com a abertura de mercado. Com isso, resta ainda outra pergunta a ser respondida: para onde vai a energia de Itaipu a partir de 2024, dada a sobra estrutural das distribuidoras?

Para as comercializadoras, bancos, fundos e outros operadores de hedge e risco caberá a opção de atuar via derivativos, buscando neste ambiente financeiro suas operações e proteções em produtos mais padronizados.

Já as distribuidoras deverão lidar com uma sobrecontratação, dada a migração de sua carga para o mercado livre e a atual situação de sobrecontratação causada pelo impacto da Covid-19. Nos últimos 10 anos, já estamos entrando na terceira crise de liquidez que os agentes de distribuição enfrentam, deixando claro que os mecanismos de contratação e ajustes não são suficientes para proteger o consumidor de crises e preços altamente voláteis.

Com este cenário, já deveríamos pensar em centralizar toda a contratação em um único agente que repassaria a energia às distribuidoras. Teríamos uma tarifa única para o país e um controle centralizado para a realização de leilão. Afinal, qual vai ser a demanda da distribuidora, dada a expansão via mercado livre, a abertura do mercado e a expansão via geração distribuída?

O futuro está chegando com derivativos, planos plurianuais longos e a “varejização” do mercado, reforçando a urgência de repensarmos a expansão e o risco do mercado regulado de energia no Brasil.

**Alan Zelazo é sócio-diretor da Focus Energia**